



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'A Estética do Labirinto. Barroco e Modernidade em Ana Hatherly', de Cláudio Daniel]

Ana Paixão

Para citar este documento / To cite this document:

Ana Paixão, "[Recensão crítica a 'A Estética do Labirinto. Barroco e Modernidade em Ana Hatherly', de Cláudio Daniel]", *Colóquio/Letras*, n.º 183, Maio 2013, p. 254-256.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

compreensão do imaginário zoomórfico e extraindo referências, sobretudo dos livros *Água Viva* e *Maçã no Escuro*, o crítico chega ao que designa de «texto placentário». Ele defende a expressão por evocar a intensidade e profundidade de percepção da autora e por sugerir as marcas corporais deixadas no texto, durante o processo de escrita. Especificamente em *Água Viva*, a própria palavra «placenta» é empregada pelo narrador e, conforme dados biográficos, a gênese do livro foi mesmo um parto difícil. A escritora vivia uma situação de crise e esse estado emocional se revela no intenso processo imagístico baseado em associações. Esse é seguramente um ponto chave defendido pelo autor: o delinear de uma figura sempre aponta para o lugar e o processo da escrita.

Assim, embora ciente de que o conceito de figura está ancorado na retórica clássica, o autor não fica atrelado a figuras de estilo. Admite a dimensão plástica e onírica do termo, bem como o valor subjacente de amplificação, para adotar afinal a aceção deleuziana de figura como imagem do pensamento, ou «figuralidade». Esse entendimento em última instância é uma maneira de valorizar o processo transformador da mimese, especialmente em se tratando de um modelo de representação que não segue a cartilha realista. As figuras, em vez de se tornarem amarras, dizem respeito a energia e não a concretudes fechadas. E se tornam uma proposta instigante de compreensão de Clarice Lispector por um caminho de «incisas inscrições».

A obra de Carlos Mendes de Sousa trabalha no âmbito da hermenêutica, mas não no modelo clássico. Descarta a busca de um sentido originário, do texto-verdade depositário da voz do autor, com intenções pré-determinadas. Ele rerepresenta a obra de Clarice através de figuras e metáforas, como ponto de partida para ampla rede de conexões, só possível graças a uma investi-

gação obsessiva e inteligente. O leitor vai percebendo essa fina construção e concebendo o que o professor defende num ensaio sobre a obra clariceana: uma «espécie de despaisagem ou de suprapaisagem (paisagens-língua ou línguas-paisagem)». Em uníssono com Antonio Candido, confirma que Lispector anunciou a tendência desestruturante que renovou a literatura do século XX e que é tão arrebatadora. Ela lança a isca para pescar a não-palavra para que nós, leitores, a leiamos distraidamente e nos refastelemos com as entrelinhas.

*Clarisse Fukelman*

**Cláudio Daniel**  
**A ESTÉTICA DO LABIRINTO**  
BARROCO E MODERNIDADE  
EM ANA HATHERLY  
São Paulo, Lumme Editor / 2011

Cláudio Daniel ousou percorrer o labirinto da obra multifacetada e interartística de Ana Hatherly para encontrar significativos percursos de análise. Neste ensaio, resultante de um trabalho acadêmico, são estudados em particular os experimentalismos e *Tisanas*, ao longo de 200 páginas, com uma sólida introdução teórica, três capítulos rematados por uma breve conclusão e referências bibliográficas fundamentais.

Das páginas introdutórias do ensaio ressalta de imediato uma cuidada contextualização histórica e teórica, apresentando-se autores que influenciaram a estética de Ana Hatherly, como Camões, Sá de Miranda, Pessoa ou Sá-Carneiro, Joyce, Pound ou Mallarmé, assim como Melo e Castro e Alberto Pimenta, coautores de algumas das obras hatherlyanas. O conceito de «obra aberta» de Haroldo de Campos e Umberto Eco constituir-se-á como base teórica central desta análise, sendo funda-

mentalmente aplicado aos textos experimentalistas e associado aos «limites da interpretação» que os *programas* introdutórios aos referidos textos definem. O quadro teórico estabelecido serve os objetivos a que este ensaio se propõe numa análise da modernidade e do barroco em torno da noção de labirinto. Cláudio Daniel estabelece assim um modelo de estudo que renuncia à tentação de se confinar ao território metadiscursivo da própria autora e aos paratextos das obras analisadas, que, pela abundância e proficiência, se afigurariam como autossuficientes. Bastará mencionar os mais citados em *A Estética do Labirinto*, como os de Maria Alzira Seixo em *O Mestre* (2.<sup>a</sup> ed., 1976), Jorge Molder em *Hand Made*, Manuel Castro Caldas em *Obra Visual: 1960-1990*, ou Melo e Castro em *PO-EX*. Salientam-se ainda os vários paratextos da própria Ana Hatherly (como o de *Um Calculador de Improbabilidades*, por exemplo), que se constituem como ensaios autoexplicativos de extrema lucidez e perspicácia em relação à própria obra, ou não fosse a autora uma destacada investigadora e ensaísta sobre o Barroco, o experimentalismo ou as relações interartísticas. Os referidos metadiscursos e as introduções das diferentes obras feitas por outros ensaístas surgem como ponto de partida do estudo de Cláudio Daniel, sobretudo para o contexto literário. O alargamento a outras fontes teóricas passará também pelos trabalhos de investigação que se dedicam à autora, como os de Nadiá Paulo Ferreira («O Lugar do Sujeito em *Tisanas*»), Ana Marques Gastão («Blasfêmias em *Claro-Escuro*»), Maria dos Prazeres Gomes («Leonorana: a Escritura em Palimpsesto»), Pedro Sena-Lino («Uma tisana é um texto que refresca a arder») ou a coletânea de estudos *Interfaces do Olhar*. Além da compilação de todas estas referências maiores, ressalta de imediato, em *A Esté-*

*tica do Labirinto*, a preocupação em organizar a bibliografia da autora. Ressalve-se, no entanto, que o elo entre a citação e a lista bibliográfica (p. 175-86) nem sempre é claro, uma vez que os autores dos paratextos que integram os livros de Ana Hatherly não são indicados de maneira sistemática na lista final.

Após a contextualização do Neobarroco português feita na introdução, Cláudio Daniel centra-se num dos elementos barrocos que Ana Hatherly mais utiliza — o labirinto —, que dá título ao ensaio e sobre o qual se debruçam os capítulos 1 e 2. São particularmente relevantes o ponto 1.2 sobre «A Obra Labiríntica na Modernidade», onde se exploram as apropriações da estética barroca pelos modernismos, e o ponto 1.3 acerca de «O Escritor: Uma 'Máquina de Produzir Desordem'», apresentando uma das obras menos analisadas de Hatherly, na fronteira entre literatura e artes visuais. Para a reflexão e teoria interartística, a abordagem fundamenta-se em citações de outros autores que trabalharam estas problemáticas (como Haroldo de Campos a partir de Lygia Clark, ou Jorge Molder sobre a própria Ana Hatherly) ou que utilizam as mesmas técnicas de escrita intersemiótica, como Melo e Castro. Os exemplos musicais contemporâneos da autora ou que recorrem aos mesmos procedimentos de escrita são mencionados a partir de Umberto Eco ou Maria dos Prazeres Gomes. Ainda que, nos capítulos 1 e 3, as referências a Cage, Webern ou Boulez, entre outros, sejam de uma pertinência indiscutível, ressalte-se contudo que a «arte total» preconizada em *Um Calculador de Improbabilidades* em nada se relaciona com «o drama musical wagneriano» (p. 163), assente num modelo comunicativo de verosimilhança e de identificação entre o público-leitor e a representação. A «arte total» de Ana Hatherly é toda ela herdeira da estética

(neo)barroca, onde o artifício é exposto enquanto tal, e não dissimulado como na composição wagneriana.

Cláudio Daniel sublinha, ainda assim, a importância do legado barroco, não apenas como princípio criador, como matriz da escrita, mas também como técnica de produção textual. Comprova-o o segundo capítulo deste ensaio, intitulado «A Escrita Labiríntica das *Tisanas*», através do estudo de *topoi* da estética barroca, como o já mencionado labirinto, mas também a «poética do jogo» (p. 131-8) ou as interpretações oníricas e as inclusões do sonho (p. 126-30). As relações entre os textos de Hatherly e as obras barrocas, objetos de releitura, são, em todo o caso, desveladas pela própria autora, que, pelo seu grande conhecimento deste período estético e pela sua vertente pedagógica e ensaística, manifesta esta preocupação referencial.

Particularmente fecundo é o estudo comparativo entre *Tisanas*, *Anacrusa* e *O Mestre* realizado no segundo capítulo de *A Estética do Labirinto*. As *Tisanas* são apresentadas como corolários de um *work in progress* (p. 81) por onde perpassam as múltiplas influências da obra hatherlyana. Cláudio Daniel define-as de forma pertinente: «*Tisana* é um composto com finalidade terapêutica e poderíamos dizer que este livro, trata-se de um irônico medicamento elaborado para despoetizar a poesia» (p. 85). As *Tisanas* são ainda perspectivadas à luz das influências de domínios tão diferenciados como a mecânica quântica, o barroco, o surrealismo ou das estéticas e princípios orientais (poesia chinesa ou pensamento zen).

Outro dos pontos fortes deste ensaio é a inserção da estética experimentalista numa linha de continuidade. A problematização dos conceitos de leitura e de escrita a partir de Mallarmé ou Joyce introduzirá as origens da poética de Ana Hatherly anterior às pesquisas visuais. Após um

minucioso estudo acerca do experimentalismo, o terceiro e último capítulo do ensaio debruça-se sobre as vanguardas, tal como são definidas por M. Perloff, R. Poggioli e R. Kostelanetz, e indica vias de aplicação contemporâneas do movimento, como a poesia eletrónica ou digital. Cláudio Daniel demonstra assim a atualidade das propostas da *PO-EX* e evidencia como os textos de Hatherly, mesmo os que parecem limitados a um contexto histórico mais preciso, mantêm a sua vitalidade pela inovação dos princípios e das técnicas de escrita, pela inusitada procura de uma nova *poiesis*. A própria releitura do barroco é realizada no mesmo sentido, não se confundindo com o pastiche de estilos históricos da pós-modernidade, mas procurando recuperar «um passado de invenção, em diálogo criativo com o presente» (p. 171).

O ensaio de Cláudio Daniel percorre a profusão discursiva de Ana Hatherly e traça percursos intra e intertextuais, tece elos com movimentos estéticos e com outros autores, delinea trajetórias a seguir em próximos estudos, assumindo-se desde já como referência das pesquisas futuras em torno deste fascinante «labirinto destituído de centro» (p. 87) que é o da obra hatherlyana.

Ana Paixão

**Luis Maffei e Pedro Eiras**  
**A VIDA REPERCUTIDA**  
UMA LEITURA DA POESIA DE GASTÃO  
CRUZ

Lisboa, Esfera do Caos / 2012

«Este livro nasce de leituras, ou uma só leitura. Ano após ano, de um lado e outro do Atlântico, lemos e releemos a poesia densa, intensa, de Gastão Cruz. Até surgir esta tentativa: a de ler por escrito, responder, em jeito de ensaio, aproximação. / Diálogo rente: para cada livro